

APRESENTAÇÃO

Nilcéia Valdati
Débora Cota
Rita Lenira Bitencourt

Em 2025, completaram-se 40 anos do que oficialmente se considera o fim da ditadura militar brasileira. Por esta época, outros países sul-americanos oficializam marcas de fim de suas ditaduras: Paraguai, em 1989, Argentina, em 1983, Chile, em 1990 e Uruguai, também em 1985. Para a pesquisadora argentina Analía Gerbaudo (2016), o termo pós-ditaduras chama atenção para as microfísicas do poder que não foram desarticuladas com a simples troca de regime governamental. Ou seja, a pós ditadura indicaria continuidades e não posteridade ou superação. Também Antonio Candido, na década de 1980, revê sua hipótese de leitura do processo de formação da literatura brasileira como “consciência amena do atraso”, ao constatar que a aliança entre elites e progresso não resultou em outra situação que não fosse a da continuidade do processo autoritário e segregador da modernização, com bases na inserção do país na lógica das metrópoles, não mais coloniais e sim financeiras. Por isso, a integração da literatura brasileira ao Ocidente moderno passa a ser vista pelo teórico como resultado de uma ambivalência, ao mesmo tempo instrumento de inserção e de dominação, o que o faz concluir: “somos um continente sob intervenção” (Candido, 1989, p.146).

Este Dossiê Especial, intitulado **Teorias e modos de ler no pós-ditaduras**, leva adiante o estudo dos pressupostos estabelecidos acima, acolhendo artigos a respeito da análise de arquivos e textos isolados referentes à institucionalização da disciplina de Teoria Literária/Literatura Comparada; dos modos de ler a literatura latino-americana em contexto pós-ditatorial, ou seja, da década de 1980 do século XX até seus efeitos, que perduram na cena contemporânea; da possibilidade da crítica literária tocar em pontos que outras disciplinas não conseguem, para dar conta de um passado e um presente em torno dos efeitos da ditadura, no âmbito crítico e cultural; do acompanhamento histórico-crítico dos trânsitos, revisões e retornos epistemológicos; da literatura como leitura crítica ou dos modos e abordagens da ficção-crítico-teórica; do ensino universitário como crítica ou das relações entre a crítica e o ensino universitário, ou “pedagogias de leitura”, elaborados em resposta, considerando as possibilidades atuais de retomada dos regimes democráticos; da crítica em periódicos e em textualidades alternativas, como formas de legitimação e difusão das teorias e seus modos de ler no espaço transmidiático e em outros espaços culturais, para além das instituições acadêmicas e de ensino.

Resultante dos debates do grupo interinstitucional de pesquisa “Estudos de Poéticas do Presente: Literatura Comparada na América Latina”, vinculado ao CNPQ, o Dossiê, com o mesmo título, inclui e ultrapassa as comunicações apresentadas no XIX Congresso Internacional da ABRALIC, em Manaus, na Linha Temática Desvendando Teorias e Métodos, em 2025. As pu-

blicações aqui reunidas acolhem outras contribuições, dentro do amplo debate em torno das permanências autoritárias que ainda atravessam a América Latina, a crítica cultural e os modos de leitura contemporâneos. Além disso, traz uma contribuição em nível internacional de um texto traduzido por Larissa Costa da Mata, intitulado *Políticas do Exílio: Heranças críticas e formas de legibilidade na história literária espanhola*, originalmente escrito por Max Hidalgo Nacher, da Universidade de Barcelona. Trata-se de um estudo comparado a respeito da construção do cânone, dos conceitos críticos e dos modos de leitura que atravessam o corpus da literatura espanhola e da sua historiografia. Destacado na parte final do Dossiê, retornaremos a este artigo ao final desta *Apresentação*.

Por questões temáticas e organizativas, os ensaios/artigos foram divididos em dois grandes movimentos. O primeiro deles, intitulado *A Transhistoricidade da Teoria*, abre-se com o trabalho de Susana Scramim e Erica Milani Dellai, “Nacionalismos, exílios e viagens: David Viñas e Roberto Schwarz”, que realiza uma leitura comparativa de dois programas de cursos ministrados pelos críticos literários David Viñas, na Argentina, e Roberto Schwarz, no Brasil. Os cursos foram oferecidos na década de 1980, após o retorno dos professores do exílio sob as ditaduras militares que moldaram cada contexto nacional. Um estudo comparado mostra que Schwarz articula a nacionalidade literária, por meio das categorias de ideologia e deslocamento, enquanto Viñas aborda a formação da literatura nacional através do conceito de *violación*. Também destaca o lugar das artes dramáticas em ambos os projetos críticos, dada a força política que atribuíam à relação entre literatura e dramaturgia, bem como o maior alcance público que o teatro e formas afins podiam atingir na época, em contraste com as formas do literário. Em ambos os projetos, o “nacional” é inseparável de uma lógica de teatralidade através da qual o capitalismo encenou e deu forma à ideia de modernidade. A seguir, Rita Lenira de Freitas Bit-

tencourt, em um ensaio focado na produção de uma pesquisadora, “Os trânsitos comparatistas e o conto latino-americano na crítico-poética de Gilda Neves da Silva Bittencourt”, aborda as revisões teórico-críticas da cena pós ditatorial, em direção a retomadas das relações de vizinhança e da revitalização de trocas epistemológicas em torno dos saberes e fazeres críticos e literários. A análise indica que surgem propostas de ler e ver o gênero conto, e, sobretudo, são apontadas e resgatadas confluências transnacionais, no exercício crítico examinado, pois as categorias de análise vão ensaiar abordagens em direção às alteridades, favorecendo leituras em mão dupla, em movimento que dá a ver os modos como o Brasil entendeu a América Latina, e vice-versa.

O terceiro artigo, de Gabriel Victor Rocha Pinezi, traz, como objetivo geral, a problemática das razões históricas e teóricas pelas quais, desde a década de 1980 – no contexto do pós-ditaduras no Brasil e da ascensão da *French Theory* nos EUA –, os estudos literários assumiram para si como tarefa contribuir com a aplicação da justiça e a validação dos direitos humanos. Em “Que tempos são esses?: assombros da infinita demanda por justiça e por direitos nos estudos literários contemporâneos”, rascunha-se “uma história moral do presente”, tal como propõe Fassin (2011) ao investigar a razão humanitária, investigando o impacto das teses de Antonio Candido (2004), Derrida (2018, 1994) e Felman (2014) sobre a relação entre justiça, o direito e literatura, buscando investigar algumas razões em torno do sucesso, no campo, de um ideal democrático de gestão da vida, marcado especialmente por uma ética da “sobrevivência” segundo a qual “a desconstrução é a justiça”. Pergunta-se, por fim, se não haveria, depois de Derrida, modos de pensar o conceito de “justiça” sem se amparar no rigoroso infinitismo da desconstrução. Na sequência, em “Banda sonora de fondo: algumas audições argentinas”, Vinícius Rodrigues Ximenes, através de algumas cenas em que a música interfere na reflexão literária, propõe um olhar arqueo-

lógico para a sensibilidade expansiva da crítica literária, situando como eixo a Cátedra de Literatura Brasileira y Portuguesa da Universidad de Buenos Aires, ocupada por Gonzalo Aguilar e Florencia Garramuño a partir de 2001, e remetendo a seus respectivos contatos com a crítica brasileira, via Silviano Santiago, Haroldo de Campos e Augusto de Campos. Considerando a circulação de obras brasileiras na Argentina das últimas duas décadas, em um percurso com publicações que se dão ao redor da Cátedra, via traduções de poemas e ensaios que ressoam um arquivo musical brasileiro, seja do cancionário popular, seja de vertentes experimentais, a reflexão propõe uma série que, partindo dali, em diálogo com a guinada performativa da crítica, faz suas próprias trilhas endereçadas ao futuro, escutando ecos das ditaduras nos cenários democráticos. Paralelamente, contribui para pensar a institucionalização da crítica literária e da literatura brasileiras na Argentina, considerando programas de cursos iniciais (2001, 2002). O estudo conclui com uma nota sobre diferenças emergentes nos programas dos últimos anos (2021, 2022), especialmente no que diz respeito à questão racial no território brasileiro. Em outra direção, Gabriel Fernandes de Miranda focaliza alguns ensaios de Silviano Santiago e de Beatriz Sarlo publicados entre 1980 e 2001 para identificar definições e usos do ensaio diante da transição (incompleta e problemática, vista a *posteriori*) de regimes autoritários para a democracia na Argentina e no Brasil. Em “Formas do ensaio e políticas da teoria pós-ditadura: momentos de composição”, argumenta pela aproximação entre essas intervenções de Silviano e Sarlo e os conceitos de “composição” de Bruno Latour e “instituição” de Roberto Esposito, defendendo que, nessa outra política de escrita, os teóricos enfatizariam o lugar do ensaísta como mediador.

No artigo “Ángel Rama na UNILA: a integração como desafio do presente”, a Universidade Federal da Integração Latino-americana é apresentada, por Débora Cota, como uma ins-

tituição fronteiriça que iniciou suas atividades em 2010 com o compromisso de fomentar a integração regional pelo conhecimento e a co-operação solidária. Assim, faz circular ideários importantes voltados ao integracionismo latino-americano, como as teorias do intelectual uruguaio Ángel Rama, voltadas às culturas e às letras da região. O estudo apresenta dados sobre a presença da teoria raminiiana na UNILA e analisa especificamente a institucionalização de certos aspectos teóricos vinculados ao pensamento do crítico uruguaio no curso de Letras e no mestrado em Literatura Comparada dessa instituição, confirmando que certa “pedagogia da integração”, derivada do arcabouço teórico de Ángel Rama, encontra-se institucionalizada nessa universidade. Encerrando este movimento, em “Modos de ler a ditadura militar brasileira na literatura comparada no início dos anos 2000, Julio Cesar Larroyd de Barros parte da premissa de que eventos acadêmicos e seus anais constituem espaços de condensação dos debates de um campo disciplinar. Seu estudo aborda o vol. 1 dos anais do I Colóquio Sul de Literatura Comparada, realizado na UFRGS, em 2001, analisando a presença da Ditadura em quatro textos: *A moralidade como instrumento de censura no teatro de Nelson Rodrigues*; *Novela testimonial: o elo perdido*; *O narrador-escritor nas obras Em busca de Christa T. e A hora da estrela*; e *Corpus rasurado*. Todos evidenciam a persistência da ditadura como problema interpretativo, associada à censura, ao testemunho, ao autoritarismo, à memória e à violência estatal. Do mesmo modo, demonstra que nos anos 2000, portanto, continuava-se a ensaiar leituras da ditadura, evidenciando a persistência de seus efeitos culturais e intelectuais.

No segundo movimento, *Violência e (pós)-ditadura*, vemos como o pós-ditadura traz à baila a memória e os seus efeitos nos modos de ler a literatura contemporânea, tornando explícitas quais categorias a crítica mobiliza para os procedimentos de leitura empreendidos nos diferentes artigos.

Em “A inteligibilidade da violência na literatura contemporânea”, Talita Jordina Rodrigues analisa a representação da violência na literatura latino-americana das últimas três décadas. A autora investiga como a brutalidade é revelada por novos vocábulos ou atenuada por recursos retóricos e estilísticos. O estudo também aborda a reconfiguração semântica de antigas expressões para finalidades políticas. Por fim, discute a violência atuando como uma língua franca e a criação de uma nova gramática da violência. A violência também é o centro do artigo “Corpo insurgente: violência, memória e resistência em Aramides Forença, de Conceição Evaristo”. No texto, Andressa Quirino analisa o conto de Conceição Evaristo, focando nas relações entre violência, memória e resistência. O artigo investiga como o corpo da mulher negra é alvo de agressões racistas e patriarcais, mas também um território de reconstrução subjetiva. A pesquisa evidencia uma escalada de práticas de controle e abusos que culminam na violência sexual sofrida pela protagonista. A sobrevivência, a maternidade e a narração de sua vivência permitem que Aramides se reposicione como sujeito de sua própria história.

Ainda tocando nas formas de lidar com a violência, em especial da ditadura, em “Medo e cicatrizes: a escrita do testemunho poético na ditadura militar brasileira”, Francielle Manini e Rafael Custódio Borba analisam a poesia de testemunho como forma de resistência em relação à ditadura militar brasileira. A pesquisa tem como foco as obras *Inventário do medo*, de Lara de Lemos (1997), e *Inventário de cicatrizes*, de Alex Polari (1978). O objetivo é investigar o “gesto de inventariar”, nas dimensões semiótica-visual, formal e ético-política. Apoiados em teóricos como Benjamin (1985) e Agamben (2008), os autores mapeiam o impacto da repressão política na poética dos autores e chegam à conclusão de que essas poéticas transformam a catalogação das perdas do cárcere em um arquivo vivo contra o apagamento da memória. Também tendo como enfoque a leitura de In-

ventário do medo, de Lara de Lemos (1997), Sorrana Nikely Rodrigues de Souza e João Cláudio Arendt, em “Notas sobre Lara de Lemos e seu livro *Inventário do medo* (1997)”, observam como os poemas de Lara recuperam experiências traumáticas da ditadura militar brasileira dos 1960-1970. O artigo apoia-se na teoria de Hans Robert Jauss (1970), para pensar o impacto dessas experiências em toda uma geração. Os autores salientam a necessidade de dar visibilidade à poesia de Lara, além de enfatizar que a preservação da memória histórica, visa se contrapor ao negacionismo e ao elogio à barbárie no Brasil recente.

Com enfoque na análise da poesia de Marília Garcia, Emanuelle de Queiroz Oliveira Estiphan, no artigo “Expedições pelo passado, futuros do Brasil: uma leitura a partir de e com Marília Garcia”, lê a poética dessa escritora, também teórica, focando nas relações entre memória, temporalidade e a violência histórica no Brasil. Destaca que a escrita da poeta transforma a lembrança da ditadura em uma prática de escuta crítica, dialogando com obras de Letícia Parente (1975) e Fernando Piola (2007-2012). Além disso, argumenta que imagens, como as de mapas e raízes, servem como recursos para investigar as camadas da memória coletiva e as violências não superadas do país. Para a autora, a poética de Marília descarta um futuro redentor, em favor de uma persistência crítica contra as marcas contínuas do autoritarismo.

Com recorte em cartuns e crônicas de Henfil, Rute da Silva Santos, Luiza Helena Oliveira da Silva e Sara Cristina da Silva Ribeiro, no artigo “O humor como forma de resistência à ditadura em crônicas e cartuns de Henfil: diálogos entre literatura de testemunho e semiótica discursiva”, analisam alguns trabalhos de Henfil como literatura de testemunho e registros de memória. Por se tratar de textos imagéticos na maioria dos casos, a leitura amplia a noção de literatura ao considerar produções que funcionam como arquivo e denúncia das violências de Estado.

No artigo “Usos e apropriações da obra 1984 na construção do discurso desinformativo da Brasil Paralelo”, Juliano de Mesquita Pinheiros, Mariana da Silva Santos, Francisco Fabrício Pereira da Silva analisam a apropriação de 1984, de George Orwell, pela Brasil Paralelo para fundamentar discursos desinformativos. Por meio da Análise Audioestrutural de Podcast (AAP) em episódios de 2022 a 2026, do programa “Ministério da Verdade”, os autores identificam a subversão de constructos orwellianos (“novilíngua”, “duplipensar”) via leituras anacrônicas. Articulando a Sociologia da recepção, de Gisèle Sapiro, a estudos de plataformização, observam que tal estratégia metalinguística visa descredibilizar a mídia e a academia, fomentando a “guerra cultural” e o revisionismo histórico para consolidar um ecossistema reacionário com fins políticos e econômicos.

Sobre as memórias da ditadura, no artigo “A metaficção historiográfica em *Cabo de Guerra*, de Ivone Benedetti”, Aline Venturini, Gilmar de Azevedo e Ivânia Campigotto Aquino, leem o romance de Ivone Benedetti, com enfoque na trajetória do narrador personagem contra a Ditadura Civil-Militar brasileira. Fundamentado na metaficção historiográfica, o artigo investiga como *Cabo de guerra* articula história, memória, ficção e reflexões sobre o passado que servem de alerta para evitar que regimes autoritários se repitam no futuro.

Para finalizar, em “Modos de ler, modos de narrar: a instabilidade e a precariedade da memória”, Nilcéia Valdatti reflete sobre como as produções artístico-literárias focadas nas memórias herdadas das ditaduras latino-americanas desafiam a crítica a repensar suas categorias de análise. A autora demonstra que os modos de ler devem operar justamente no terreno do instável e do precário, centrando-se nos sintomas da ausência, nas falhas da trama e nos lapsos da lembrança. A análise dessas narrativas destaca a aposta na memória e no seu futuro: sua sobrevivência (Vecchi, 2021), sua função como reparação (Vidal, 2014) e a necessidade de fa-

zer com que essa herança traumática continue produzindo sentidos (Hirsch, 2018; Figueiredo, 2022, 2024).

Em torno dos nós teóricos desenvolvidos e tematizados neste Dossiê, observamos que algumas ponderações e perguntas mantêm vivas algumas inquietações, e, de algum modo, se esforçam para respondê-las: Qual é o papel da teoria e como esta disciplina se encontra configurada e institucionalizada na América Latina? Quais seriam as retomadas e reformulações em relação aos modos de ler? De que modo a prática crítica é compreendida no interior dos estudos literários? Quais categorias teórico-críticas têm interferido e direcionado os modos de ler neste período, que vem sendo denominado pós ditadura? De que modos, neste contexto, o Brasil tem lido a América Latina, e vice-versa?

O deslocamento produzido pelos vários olhares teóricos, adquire grande importância na seção final, intitulada Tradução. O artigo “*Políticas del exílio: herencias críticas y formas de la legibilidad en la historia literaria española*”, de Max Hidalgo Nácher, traduzido por Larissa Costa da Mata, encerra o Dossiê **Teorias e modos de ler no pós-ditaduras** com uma troca que ultrapassa o espaço latino-americano e retoma os laços comuns, tanto em relação aos modos herdados que constituem as historiografias, quanto aos efeitos da pós ditadura, em abordagem que vai além das comparações, reivindicando a imaginação crítica e a possibilidade de construir cenas, reconstruir trajetórias, exumar catálogos e bibliotecas para tornarmos a ler a tradição, a fim de relançá-la a partir dos desafios e problemas do presente que nos desafiam.

As Organizadoras